



## **GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS<sup>1</sup>**

**Williane Rocha Nunes<sup>2</sup>**

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Brandão Machado<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo compreender as concepções de um grupo de professores de escolas municipais de educação infantil acerca das questões de gênero, em que se investigou quais são essas concepções e como elas influenciam nas suas práticas em sala de aula. A pesquisa de campo, de natureza qualitativa, foi realizada através de entrevistas e observações em duas escolas situadas em polos distintos na cidade, pois possuem o maior número de alunos dentre as EMEI do município. Na fundamentação teórica debateu-se acerca dos conceitos principais: gênero, educação infantil e gênero na educação infantil. Após, explorou-se os dados coletados analisando as situações ainda predominantes nas escolas com caráter de demarcar as concepções e práticas relacionadas ao gênero. Ao concluir mostram-se as contribuições deste estudo para a educação infantil.

Palavras-Chave: Educação infantil; Gênero; Concepções e Práticas.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido como resultado do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia UNIPAMPA/Campus Jaguarão.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa.

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Pampa, orientadora do trabalho.

## **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo comprender los conceptos de un grupo de maestros de escuelas municipales de educación infantil en temas de género, en el que se investigó lo que estos conceptos y cómo influyen en sus prácticas en el aula. La investigación de campo, cualitativa, fue realizado a través de entrevistas y observaciones en dos escuelas ubicadas en diferentes centros de la ciudad, debido a que tienen el mayor número de estudiantes entre la EMES del municipio. En base teórica luchado en los conceptos principales: el género, la educación infantil y de género en la educación infantil. Después de explorar los datos obtenidos mediante el análisis de las situaciones aún prevalece en las escuelas con carácter para delimitar los conceptos y prácticas relacionadas con el género. Cuando termine de mostrar las aportaciones de este estudio para la educación en la primera infancia.

Palabras clave: La educación de la primera infancia; Género; Conceptos y Prácticas.

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, vivemos em uma sociedade diversificada, na qual o gênero começa a romper o padrão criado ao longo dos tempos. Por essa razão, desenvolvi uma curiosidade acerca do conceito de gênero, o que é entendido como gênero e como ele é visto e trabalhado pelos professores nas escolas de Educação Infantil. Escolhi abordar o gênero na educação infantil porque é nessa fase da vida que a criança amplia mais rapidamente valores e crenças (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, 1998). Em vista disso, deve haver certa preocupação em como essa temática vem sendo trabalhada nas escolas.

A escola é o lugar no qual a criança descobre infinitos mundos, além daquele que ela vivencia, e é imprescindível aprender a conviver com a diversidade, como afirma o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI):

O trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes tanto para o professor quanto para a criança. Isto porque permite a conscientização de que a realidade de cada um é apenas parte de um universo maior que oferece múltiplas escolhas. Assumir um trabalho de acolhimento às diferentes expressões e manifestações das crianças e suas famílias significa valorizar e respeitar a diversidade, não implicando a adesão incondicional aos valores do outro. (1998, Vol. 1, p. 77)

Através desta pesquisa, busco compreender as concepções de um grupo de professores da Educação Infantil acerca do tema gênero, para entender como essa concepção influencia na aprendizagem dos alunos e em sua vivência na sociedade. Compreendo que é de suma importância perceber estes fatos acima citados, visto que serão essas crianças que no futuro constituirão os adultos da nossa sociedade e, assim, passarão seus valores e crenças para as próximas gerações.

Esta pesquisa aborda as concepções de gênero na educação infantil, buscando perceber que situações ainda são propiciadas aos alunos na sala de aula, que definem as características de cada gênero. Assim, estruturou-se da seguinte forma: na introdução é realizada a apresentação do artigo, após apresenta-se a metodologia de pesquisa, em que se descreve os

procedimentos de estudo. Partiu-se, então, para a fundamentação teórica, discutiu-se acerca dos conceitos de gênero, Educação Infantil e gênero na educação infantil. Na análise, examina-se os dados coletados, das observações nas escolas e entrevistas realizadas com os professores. Ao final, faz-se a relação das contribuições do conceito de gênero para a Educação Infantil.

## **1 METODOLOGIA**

Atualmente, ao se falar de gênero, nota-se que pouco a pouco estamos desconstruindo conceitos hierárquicos criados pela sociedade. Porém percebe-se que essa barreira ainda mostra grande dificuldade de ser vencida, pois ainda impomos às crianças essas concepções criadas, em que definimos o que é certo ou errado para meninos e meninas. Assim, priorizam que o gênero masculino significa “força e poder”, e o feminino “fragilidade”, usando de símbolos para representa-los como, por exemplo, “menino tem que usar azul e jogar bola” e “menina usar rosa e brincar de boneca”, enfatizam que isso é o correto, ainda nos guiamos por pensamentos de uma sociedade hierárquica.

Quando nos deparamos com situações que são ditas “anormais” por parte da sociedade como, por exemplo, num momento lúdico um menino que quer se fantasiar com um vestido de noiva. Isso ainda acaba chocando algumas pessoas e fazendo com que elas busquem uma maneira de desvincular essa ideia da criança, que foi tomada de forma inocente, sem malícia, e seja trocada por outra dita “aceitável” para garotos.

Na concepção das crianças, não existe essa diferenciação em que menina não pode jogar bola, pois é brincadeira de menino. Para o aluno, essa consciência de que está fora do “normal” só é alcançada a partir do momento em que isso é imposto a ele, seja pelos pais, pelos professores e/ou pela sociedade. Considera-se importante o professor explorar esse temática para desmistificar essas concepções. Em suas práticas, é importante problematizar

que o diferente não está errado, mesmo que muitas vezes a sociedade imponha contrário.

Por essa razão, essa pesquisa iniciou com a seguinte pergunta: *Quais são as concepções de gênero de um grupo de professores da Educação Infantil e suas práticas em sala de aula?* Meu objetivo principal foi *compreender como as concepções de gênero dos professores influenciam as práticas em sala de aula*. Como objetivos específicos foram definidos:

- Identificar as concepções de gênero de professores da educação infantil;
- Investigar práticas de sala de aula que exemplificam a diferença de gênero;
- Apresentar proposta pedagógica que aborde as relações de gênero pode ser aplicada nas escolas.

Este trabalho é considerado como uma abordagem qualitativa de pesquisa e foi embasado a partir de pesquisas bibliográficas como procedimento metodológico. Como sugerem LIMA e MIOTO (2007, p.5), a pesquisa bibliográfica é um procedimento que demonstra como se configura a apresentação e análise dos dados obtidos durante o processo de pesquisa propriamente dito.

Para fazer a pesquisa bibliográfica deste trabalho foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: Leitura de Reconhecimento do material bibliográfico (leitura prévia), exploratória (leitura para selecionar o material necessário para o trabalho), seletiva (leitura para seleção do material que se relaciona diretamente com o objetivo da pesquisa), reflexiva (leitura para compreender as afirmações do autor), interpretativa (momento de relacionar a obra com o problema ao qual se quer resposta).

Para realizar a pesquisa de campo, primeiramente foram escolhidas as duas escolas da rede municipal de Jaguarão a serem pesquisadas e definido o porquê destas escolhas. Sendo assim, a escolha das escolas refere-se ao fato de que elas são as instituições onde há maior quantidade de alunos e também foi considerado o fato de que ficam em diferentes polos da cidade, uma fica na região central e a outra em uma região periférica da cidade. A seguir, foi pensado qual faixa etária seria escolhida para a pesquisa. Como busco

compreender as concepções dos professores acerca do conceito de gênero, pensei primeiramente, em fazer entrevistas com educadores das turmas de Pré 1 e Pré 2, onde temos criança de 3 a 6 anos, que estão desenvolvendo sua personalidade. A entrevista abordava questões sobre o planejamento, como são desenvolvidas as atividades em aula, o comportamento dos alunos nas brincadeiras, as concepções sobre gênero e suposições de situações, nas quais o conflito entre gênero ficava exposto.

Com base nas respostas das entrevistas feitas com os professores das escolas selecionadas, foram escolhidas as turmas para serem feitas as observações. A faixa etária selecionada foi a que abrange as turmas de Pré 2. O que me levou a essa escolha foi o fato de que em uma das escolas escolhidas para a realização da pesquisa conta com um professor homem à frente da turma de Pré 2, e é o único da rede municipal de Jaguarão; e na outra escola escolhida, a turma de Pré 2 não tem nenhum tipo de brinquedo em sala de aula, por opção da professora titular. Então, a partir das entrevistas passei para as observações nas turmas, em que busquei perceber manifestações das crianças em relação ao gênero e a conduta do professor nessa situação. Assim, foi feita a análise dos dados e juntamente com as bases teóricas, as concepções foram exploradas e analisadas para completar este estudo.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA**

Para esta pesquisa, necessito trabalhar três concepções principais: Educação Infantil, Gênero e Gênero na Educação Infantil, para então com esses conceitos estabelecidos analisar as concepções de um grupo de professores, suas práticas em sala de aula e pensar numa proposta que contemple as questões de gênero para torná-las cada vez mais presentes na vida das crianças.

Primeiramente, abordo o que pode se entender por Escola de Educação Infantil. Ainda existe uma parte da população que possui a visão de que esse lugar é apenas para os pais deixarem seus filhos, pois precisam trabalhar e que não contribui para seu aprendizado. Entretanto, precisamos pensar na

escola de Educação Infantil como um espaço, onde as crianças constroem conhecimento, contribuindo cada vez mais para seu crescimento.

A escola de educação infantil deve ser um lugar aberto a diversas situações que propiciem conhecimento para o desenvolvimento da criança, já que, como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) afirmam:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (2010, p. 18)

Com base nessa ideia, é preciso explorar cada área, cada vez mais fundo proporcionando aos alunos aprendizagens que acrescentem conhecimento. Dessa forma, podemos desmistificar a visão que muitas pessoas ainda possuem da escola de Educação Infantil, como sendo um lugar chamado de “creche”, com a finalidade apenas voltada para o cuidado com as crianças.

A busca por essa desmitificação é longa, e a necessidade de empenho dos educadores dessa área é muito grande, já que são eles que estão em sala de aula todos os dias com as crianças. Muitas vezes esses alunos passam mais tempo com os professores do que com os próprios pais, então a influência que um educador tem sobre a educação dos seus alunos é muito grande.

Sendo assim, é de suma importância que o conhecimento construído em sala seja diversificado, quer dizer, promovendo as mais diferentes situações de aprendizagem para os alunos, já que de acordo com as DCNEI:

Promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância; Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. (2010, p. 17)

O trabalho com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe

trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Assim, o educador precisa pensar em suas práticas compreendendo todas as características citadas acima, e trabalhar de maneira diversificada, que contribua cada vez mais para a aprendizagem dos alunos (RCNEI, 1998).

Nessa pesquisa, quero enfatizar uma característica citada acerca da abordagem na Educação Infantil, o conceito de gênero. Se na escola o professor deve construir conhecimento com os alunos, para que eles evoluam, deve-se pensar, nesse caso, que tipo de conceito os educadores estão explicitando para as crianças atualmente.

Se pensarmos que nossa sociedade está rompendo pouco a pouco os padrões preestabelecidos pelos nossos antepassados, como os professores estão fazendo essa nova articulação, como eles estão buscando transpor os padrões? Para discutirmos isso, primeiramente devemos entender o conceito de gênero.

Ao longo dos anos foram surgindo cada vez mais questões acerca do conceito de gênero. Explicito uma das variações do termo, onde Scott afirma:

O termo gênero também é utilizado para designar as relações entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente, explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm força muscular superior. Em vez disso, o termo gênero torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. Gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (1989, p. 75)

Esse tipo de afirmação ainda se faz presente na sociedade, embora pouco a pouco esteja sendo desconstruído. Vejamos assim, o artigo de Scott foi escrito no ano de 1989 atualmente estamos em 2014, quase 26 anos depois e ainda acontecem situações, nas quais percebemos claramente padrões culturais que foram construídos, e que ainda continuam em vigor em nossa sociedade.

Seguindo essa linha, Scott ainda reafirma:

O termo “gênero” sublinhe o fato de que as relações entre os sexos são sociais, ele nada diz sobre as razões pelas quais essas relações

são construídas como são, não diz como elas funcionam ou como elas mudam. No seu uso descritivo, o termo “gênero” é, então, um conceito associado ao estudo de coisas relativas às mulheres. (1989, p. 76)

Assim podemos definir o gênero, dizendo que se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais. Outros autores contribuem para discutir o gênero como relação social, por exemplo, para Alves e Pitanguy (1985) a definição do conceito de gênero dá-se, como uma construção sociocultural, que atribui a homem e mulher papéis diferentes dentro da sociedade e depende dos costumes de cada lugar, da experiência cotidiana das pessoas, bem como da maneira como se organiza a vida familiar e política de cada povo.

Avançando na análise de Scott, percebe-se que ela faz uma sistematização do conceito de gênero, dividindo-o em duas partes:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas subconjuntos que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (1989, p. 86)

A partir deste ponto pode-se identificar que o gênero não é algo delimitado por diferenças físicas, mas também pelas razões sociais que buscam definir limites nas relações de poder entre o homem e a mulher. No qual sempre colocam o homem como membro forte e que toma decisões e a mulher como um ser frágil, com a obrigação de cuidar dos filhos e da casa. O gênero tornou-se um ponto que possibilita expor as relações de poder, mesmo que seja primariamente, como cita Scott:

O gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (1989, p. 88)

Vemos claramente como o conceito de gênero está atrelado às relações de poder, tornando-o uma referência que serve como alvo, para ser usado como meio opressor, no qual o “mais forte” definido pela sociedade, o homem, torna-se o grande líder.

Então, em nossa atual sociedade como se pode transpor essa oposição, trazida ao longo dos anos, que coloca o gênero como a categoria que define quem somos, devemos e/ou podemos ser na sociedade. Para transpormos esse limite completamente precisamos atuar desde cedo com as crianças. A partir daqui, vem a pergunta: como abordar o gênero na educação infantil?

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser construído desde que o (a) bebê está na barriga da mãe, quando a família, de acordo com suas expectativas, começa a preparar o enxoval conforme o sexo. Dessa forma, escolhe-se a cor rosa para as meninas e azul para os meninos. Depois que nasce um bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino”, e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar.

Nessa situação acima citada, as questões culturais ficam claras, quando Vianna e Finco afirmam em seu texto:

A perspectiva sociocultural permite centrarmos nosso olhar nas formas de controle do corpo infantil, um processo social e culturalmente determinado, permeado por formas sutis, muitas vezes não percebidas. Poderíamos, então, dizer que as características tidas pela tradição como naturalmente masculinas ou femininas resultam de esforços diversos para distinguir corpos, comportamentos e habilidades de meninas e meninos. (2009, p. 268)

A questão do gênero e da escola está interligada socialmente, há muitos anos. No começo da vida, a criança é inserida na sociedade pelos pais e familiares, na sequência esse contato é feito pela escola. Ao entrar para a sala de aula, a criança dá início ao convívio com outras crianças e adultos, aos quais não conhecia anteriormente. Esse contato é muito importante, pois ajuda o aluno a conhecer novas perspectivas sociais além das familiares.

No meio familiar, a criança começa a ter as primeiras noções de gênero, com as roupas compradas pelos pais, brinquedos recebidos de presente, por exemplo, se for menina a maioria de suas roupas serão rosa, e se for menino a maioria os seus brinquedos se resumirá a carros e bolas. Também, durante brincadeiras entre familiares, vizinhos, os meninos acabam jogando

videogames de luta e as meninas brincando com as bonecas. Essa concepção de gênero, em que as cores ou brinquedos definem a maneira de como as crianças devem ser e agir, e que existem atividades que são para meninos e outras que são somente de meninas, está tão impregnado na sociedade que são muito difíceis de serem mudadas. Assim, afirmam Vianna e Finco:

Nosso corpo, nossos gestos e as imagens corporais que sustentamos são frutos de nossa cultura, das marcas e dos valores sociais por ela apreciados. (...) uma construção social que se dá nas relações entre as crianças e entre estas e os adultos, de acordo com cada sociedade e cada cultura. Ele é produzido, moldado, modificado, adestrado e adornado segundo parâmetros culturais. (2009, p. 271-272)

Ao pensarmos que as primeiras impressões do gênero vêm da família e, na sequência, vem a escola, deve-se considerar que estes são os dois pontos de referência que a criança possui na infância. Essas referências que vem sendo trazidas a gerações, passadas de pais para filhos, sem alterações no seu modo de pensar e agir.

Essas primeiras impressões funcionam como demarcadores do gênero, conforme Mascarenhas e Eugênio (2012), nos primeiros anos de vida, o contato com o mundo permite à criança construir conhecimentos práticos sobre seu entorno, relacionados à sua capacidade de perceber a existência de objetos, seres, formas, cores, sons, odores, de movimentar-se nos espaços e de manipular os objetos. Além de experimentar, expressar e comunicar seus desejos e emoções. Se a família da criança começa desde muito cedo a demarcar o que é de menino e o que é de menina, sendo muito comum de acontecer, acaba estereotipando o tipo de comportamento a ser seguido, então, a criança se torna apenas um reflexo do que lhe é imposto, como confirmam Carvalho, Costa e Melo:

Numa sociedade/cultura organizada por relações de sexo e gênero, o enxoval cor de rosa ou azul, a escolha do nome e as expectativas dos adultos já atribuem o gênero de uma criança mesmo antes do nascimento. (2008, p.4)

As questões culturais estão ligadas à fase de crescimento da criança, envolvendo a família e escola, sendo que ambas são interdependentes na sociedade. Como é possível que o educador trabalhe esse conceito de forma ampla e diversificada, se na maioria das vezes a família já tem conceitos preestabelecidos? Sendo diferentes da concepção do professor, que está

buscando que seus alunos percebam na sua volta a diversidade. Realizar isso em sala de aula torna-se difícil, visto que em muitos casos os pais dos alunos querem ocultar a discussão sobre o gênero por considerar aquilo errado para seus filhos. Como mostra Vianna e Finco:

A perspectiva sociocultural permite centrarmos nosso olhar nas formas de controle do corpo infantil, um processo social e culturalmente determinado, permeado por formas sutis, muitas vezes não percebidas. Poderíamos, então, dizer que as características tidas pela tradição como naturalmente masculinas ou femininas resultam de esforços diversos para distinguir corpos, comportamentos e habilidades de meninas e meninos. (2009, p. 268)

Vemos ainda que muitos pais e até alguns educadores continuam presos a ideias hierárquicas, e acabam esquecendo o que significa escola, como afirma Regin:

A escola pode e deve ser considerada um espaço privilegiado para aprendizagem de uma prática social, um espaço de cultura, de criação como resposta aos desafios da vida, um espaço fértil de produção do novo e do inusitado. A escola para a infância precisará constituir-se nesse tempo e espaço transformando em lugar, ou seja, um lócus de sentido, de construção de identidades. O cotidiano na escola de educação infantil será significativo para as crianças, se for um espaço de trocas, de intercâmbios, de valorização de diferenças. (REGIN, apud Bísaro, 2009, p. 17)

Se a escola deve ser considerada um espaço fértil para aprendizagem, o educador e a família devem oportunizar isso à criança, sempre buscando que o aluno construa cada vez mais conhecimento, e não conceitos preestabelecidos que já se perpetuam há muito tempo.

Assim, ao final deste capítulo percebe-se que as concepções de gênero, educação infantil e gênero na educação infantil, não tem uma definição única. Principalmente quando se fala sobre gênero, uma característica fundamental na abordagem é a questão social da construção deste conceito. Observa-se também que os hábitos culturalmente estabelecidos pela sociedade influenciam a construção do caráter das crianças.

### **3 ANÁLISE DE DADOS**

Para realizar esta pesquisa coletei alguns dados de campo além das leituras, como entrevistas e observações em sala de aula. Primeiramente selecionei quais escolas de educação infantil, nas quais as escolhidas foram as escolas, nas quais havia maior número de alunos e que se localizavam em polos opostos da cidade. Para fazer a escolha da faixa etária, primeiramente foram feitas entrevistas com os professores de Pré 1 e Pré 2, para então serem escolhidas as turmas a serem observadas. As turmas escolhidas foram as de Pré 2, devido ao fato de que em uma turma havia um professor homem lecionando e na outra turma a professora destacou que em sua sala de aula não haviam brinquedos.

Nas entrevistas, procurei com as perguntas captar e compreender que tipo de concepção os professores destas escolas possuem, partindo para minha análise sobre o que é considerado gênero por esse grupo de professores. Foram feitas quatro entrevistas, mas os dados apresentados serão apenas dos professores em que suas turmas foram feitas observações.

Inicialmente comecei as entrevistas fazendo perguntas sobre a rotina da escola, o espaço da sala de aula, o planejamento, para então entrar nas questões de gênero. Durante a entrevista com a professora Ana<sup>1</sup> da escola Y<sup>2</sup>, na qual questioneei se ela teria trabalhado o gênero, ela coloca assim:

No planejamento em si não, esse ano não. Já coloquei sim foi um trabalho, separamos os brinquedos, juntamos e depois, eles separaram o que é de menina e o que é de menino.

Em outra questão, onde é questionada sobre qual sua concepção de gênero, ela diz:

Eu te digo assim que gênero nos dias de hoje, tem que ser muito trabalhado na escola, e inclusive a equipe diretiva da escola, acho que tinha que fazer o chamamento dos pais né pra dentro da escola, pra fala nesse tema.

Percebe-se algo contraditório em suas falas, ela afirma que o gênero tem que ser muito trabalhado na escola, que é preciso que os pais participem disso, mas quando colocado em prática, ao invés de unir os alunos e ensinar

---

<sup>1</sup> Os professores serão designados pelos seguintes nomes fictícios professor Tadeu e professora Ana, e as escolas por “K” e “Y”.

<sup>2</sup> O professor Tadeu trabalha na escola “K” e a professora Ana trabalha na escola “Y”.

que não há diferença entre os sexos, ela faz uma atividade, na qual as crianças devem fazer uma divisão do que é “de menino” e o que é “de menina”. Ao fazer essa ação, mesmo que não esteja descrito no planejamento, ela deixa visível a divisão entre o feminino e o masculino.

Frangella, refere sobre isso:

O corpo é alvo das práticas disciplinares. Há um aparato instrumental e institucional que busca constantemente discipliná-lo quando busca fugir e escapar, seja por meio de mecanismos repressivos, seja por um discurso que impõe às crianças uma imagem estigmatizada de si mesmas. (FRANGELLA, apud. Vianna e Finco, 2009, p. 268-269)

Assim, mesmo que não seja dito que esteja fazendo uma diferenciação, ela acaba ocorrendo. Na fala do professor Tadeu, da escola K. sobre a sua concepção de gênero, ele diz:

Eu acredito que essa concepção que a sociedade vive, ela tá ultrapassada né, algumas pessoas já tem entendimento que, algumas coisas não são só do sexo feminino ou masculino, então é isso gênero a princípio, se a gente pensa como as pessoas construíram antigamente gênero meio que separa as coisas, o que é menina e o que é de menino, acredito que esse conceito está ultrapassado.

Esse educador percebe algumas das situações culturais que ocorrem na sociedade já são consideradas antiquadas, e vejo em outra de suas falas, ele reafirma esse pensamento:

Gênero, na verdade a sociedade estipula masculino e feminino, na minha prática eu procuro não diferenciar né, até porque a convivência tem que se dar entre os dois gêneros.

Em outro momento da entrevista, com o professor Tadeu, no qual foi dada uma suposta situação, em que a menina quer jogar futebol, mas os colegas meninos não a querem no jogo, ele exemplifica claramente como agir nesse momento:

Tenta também aproximar o grupo, e mostra que hoje as meninas no caso fazem coisas que antigamente era considerado de menino, então a gente também tem time só feminino, só masculino, mas gente também percebe que há momentos que as meninas jogam com os meninos são os chamados times mistos.

Constata-se que esse educador apresenta consistência em suas falas, e que ele tenta dar continuidade ao trabalho com as relações de gênero, procurando não fazer a diferenciação, mas sim fazendo com que os alunos pouco a pouco percebam que as diferenças entre meninos e meninas são apenas físicas. E o que a sociedade determina como certo ou errado para

meninos e meninas, já está obsoleto e precisa ser mudado, ou seja, tanto um menino pode cuidar da casa, quando uma menina jogar futebol.

Fusco afirma:

Os significados de gênero são impressos nos corpos de meninos e meninas de acordo com as expectativas colocadas diariamente para as crianças, na forma como as professoras interagem com elas. Os corpos de meninas e meninos passam, desde muito pequenos, por um processo de feminilização e masculinização, responsável por torná-los “mocinhas” ou “moleques”. (2007, p.104)

Essa situação ficou muito evidente em dois momentos, em escolas distintas, que ocorreram durante as observações. Na primeira situação, na instituição Y, ocorreu durante uma atividade que descrevo abaixo:

A professora vai distribuindo algumas toucas de “Papai Noel” para os alunos. O uso da touca foi necessário pelo motivo de que o “Papai Noel” iria conversar com as crianças sobre o que eles gostariam de ganhar de presente no Natal. Um a um os alunos foram falando o que queriam e a professora escrevendo a lista para entregar para o “Papai Noel” A maioria dos pedidos se resumiu a carros para os meninos e bonecas para as meninas.

Observei, nessa situação, que as escolhas das crianças se remeteram ao papel social que é esperado delas: os meninos com os carro e as meninas com as bonecas. Essa cultura vem tão definida de casa, da família, do grupo social em que as crianças circulam, que muitas vezes torna-se complexo para o professor abordar essas questões de gênero. Porque esse conhecimento já está enraizado culturalmente e, é no primeiro vínculo da criança com o mundo, o grupo familiar, ela passa a ver também essa diferenciação social dos sexos, mas isso só ocorre pelo fato de que os adultos mostram isso, já que para as crianças esses fatos sociais são pouco relevantes, só começam a ter importância no momento em que isso é imposto.

Em outra situação, na escola K, ocorreu o seguinte:

Durante a brincadeira livre, os alunos estavam espalhados pela sala de aula brincando com os mais diversos brinquedos. Um dos meninos pintou o rosto com maquiagem, nesse momento uma de suas colegas avisou para a professora o que ele estava fazendo. A educadora chamou o aluno para sua mesa, durante esse percurso, uma de suas colegas meninas chamou ele de “mulherzinha”, mas o menino que estava pintado não escutou. Ao chegar na mesa da professora, esta disse para o aluno que ele “não deveria usar maquiagem, pois isso é coisa de menina” e mandou limpar o rosto. Após essa fala da educadora, o aluno voltou para a brincadeira, mas não largou o estojo de maquiagem. Percebi que ele se pintou, pois queria brincar com as meninas.

É importante destacar que este fato ocorreu com a professora substituta e não com o professor titular, que estava em momento de compensação de carga horária nesse dia de observação. Nota-se nesse pequeno relato de observação como ainda existem educadores que estereotipam os alunos, fazendo com que eles percebem que isso ou aquilo é “de menino” ou “de menina”, sendo que, se fôssemos olhar pela visão das crianças, isso seria tratado de forma normal. Aqui nesse momento as crianças estavam brincando de faz de conta, então, por que o menino não poderia se pintar com a maquiagem, se eles estavam brincando? Utilizando de sua imaginação, criando outro mundo, onde não se faz a diferenciação entre os gêneros. A acusação da colega representa que isso talvez já tenha ocorrido ou na sala de aula ou em casa, e isso foi mostrado como errado, ou seja, foi reprimido, pois na sociedade homens não devem usar maquiagem, já que isso é “coisa de mulher”. Essa evidência social, fica bem aparente, em um trecho de Vianna e Finco, elas afirmam:

Se, por um lado, meninas podem ter sua identidade de gênero questionada se praticam futebol, com meninos o mesmo ocorre, se eles não o fazem, se não são fanáticos pelo seu time, se não têm um time. Meninos são como que obrigados a gostar de jogar futebol. Pais, mães, amigos, amigas e até educadores/as exercem uma “pressão social” para que pratiquem essa modalidade. Aqueles que não o fizerem podem ser vistos como femininos. (2009, p. 278)

Observo que para as crianças, aquilo que a sociedade compreende como pertencente ao masculino e ao feminino, só é destacado quando apontado por um adulto, seja um familiar ou educador. Vianna e Finco, afirmam que é o olhar do adulto que aponta o erro para as crianças, elas são inocentes, as crianças não percebem e não estão preocupadas com aquilo (2009, p. 278-279). O olhar da criança é inocente, ela não vê maldade nas situações ditas pela sociedade como “anormais”. Essa visão está nos adultos que manifestam aquilo como não adequado culturalmente, e apontam para onde a criança deve seguir para continuar no lado aceitável socialmente.

É a sociedade que dita o que é ou não “anormal”, para os alunos um dos colegas que queria brincar com bonecas é visto como normal, ele está se divertindo com os demais colegas, as crianças não veem problema algum nessa situação, porém na maioria das vezes a sociedade preestabelece isso como anormal, e acaba estereotipando as crianças nesses momentos.

Ao pensarmos na criança nessa fase da vida, não podemos esquecer que a partir daqui ela está formando seu caráter. E junto à formação vem as influências do exterior, como pais, familiares, escola, professores, colegas, etc. Como percebemos no RCNEI:

A identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição. (1998. Vol.2, p.13)

A identidade vai sendo construída aos poucos, e é influenciada a partir de quem está a lado a criança, ou seja, a base são as pessoas com quem ela convive cotidianamente. A criança na maioria das situações é um reflexo do que ela percebe em casa e na sociedade a qual pertence.

Nessa fase, cada momento torna-se importante, já que está contribuindo para a construção da personalidade do aluno, ao se falar de gênero estabelece-se uma relação, na qual é preciso trabalhar a diversidade, buscando uma fuga dos fatos sociais que contribuem para estereotipar os alunos, como confirma o RCNEI:

No que concerne à identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga. (1998, vol.2, p.)

Claro que ao criar situações que propiciem aos alunos conhecimento sobre a diversidade, ao explorar este âmbito, podem surgir entre as próprias crianças questões estereotipadas que são trazidas de casa, ensinadas pelos pais ou familiares em momentos de repressão, que agora são reproduzidos pelos filhos. De acordo com RCNEI:

Considerar os conhecimentos das crianças sobre o assunto a ser trabalhado — a interação das crianças com os adultos, com outras crianças, com os objetos e o meio social e natural permitem que elas ampliem seus conhecimentos e elaborem explicações e “teorias” cada vez mais complexas sobre o mundo. Estes conhecimentos elaborados pelas crianças oferecem explicações para as questões

que as preocupam. São construções muito particulares e próprias do jeito das crianças serem e estarem no mundo. É fundamental considerar esses conhecimentos, pois isso permite ao professor planejar uma sequência de atividades que possibilite uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los; (1998. Vol. 3, p. 196)

Se o educador deve considerar os conhecimentos que os alunos já possuem para realizar sua prática em sala de aula, conhecimentos que já vem preestabelecidos de sua casa, pode-se pensar em uma proposta pedagógica que permita ampliar horizontes, desmistificando paradigmas há muito tempo construídos. Trazendo para a sala de aula questões que podem ser difíceis de discutir, mas que são necessárias para nossa atualidade. Como afirmam Vianna e Finco:

Ultrapassar a desigualdade de gênero pressupõe, assim, compreender o caráter social de sua produção, a maneira como nossa sociedade opõe, hierarquiza e naturaliza as diferenças entre os sexos, reduzindo-as às características físicas tidas como naturais e, conseqüentemente, imutáveis. Implica perceber que esse modo único e difundido de compreensão é reforçado pelas explicações oriundas das ciências biológicas e também pelas instituições sociais, como a família e a escola, que omitem o processo de construção dessas preferências, sempre passíveis de transformações. (2009, p. 207)

Considero como uma ideia de proposta pedagógica na escola de educação infantil para o trabalho com as questões de gênero a necessidade de que a diversidade presente na sociedade seja abordada. Ou seja, trazer esses parâmetros para os alunos, mas também desenvolver isso juntamente com os pais. Se muitos dos problemas enfrentados pelos educadores são esses conceitos que já vêm preestabelecidos da casa dos alunos, então ao trazermos os pais para a escola, e possibilitarmos a eles que percebam o que os professores estão buscando fazer ao trabalhar a diversidade, isso pode contribuir para a família, para os alunos, os professores, para a escola.

Ao considerar tudo que foi escrito até aqui, e analisar o que é considerado uma concepção de educação infantil, a escola necessita trabalhar a igualdade para todo tipo de diversidade, seja de raça, crença ou gênero existente na sociedade. Articular a realidade da escola, família e sociedade, é um grande desafio que pouco a pouco deve fazer parte do cotidiano vivido pelo educadores.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir a conclusão deste trabalho, retomo a pergunta que gerou essa pesquisa: *quais seriam as concepções de gênero de um grupo de professores da educação infantil e suas práticas em sala de aula?*, e seu objetivo principal: *compreender como as concepções de gênero dos professores influenciam nas práticas em sala de aula*. Este artigo iniciou-se, com leituras sobre o tema, pensando em questões para as entrevistas e como proceder durante elas, estabelecendo relações para obter os melhores resultados possíveis, ao fazer a escolha dos locais e profissionais para realizar o estudo.

Ao longo da pesquisa, estruturei como analisar os fatos que ocorreram diante das entrevistas e observações de maneira que contribuíssem de forma positiva, não só para mim, mas também para a comunidade acadêmica. Pouco a pouco, ao estudar os dados obtidos durante essa fase, vejo que foram de suma importância para o estudo, pois obtive bases para as quais se percebeu a necessidade de serem discutidas, para poder haver a ruptura de paradigmas tão impregnados em nossa cultura.

Essas situações foram marcantes, pois puderam me ajudar a compreender como responder a minha questão de pesquisa. Na minha linha de estudo ao longo dessa trajetória de pesquisa, percebo que dentre os dados não encontrou-se propriamente definida uma concepção de gênero entre este grupo de educadores. Há uma ideia do que é gênero, mas não uma concepção que eles definam como sua. Embora se diga que o trabalho com as questões de gênero precisa ser intensificado, a procura por quebrar essa hierarquia culturalmente construída, torna-se um propósito árduo, pois mesmo dentro de uma sociedade que busca essa quebra, ainda existem situações que nos mostram que a hierarquização social continua ocorrendo.

Após a realização desta pesquisa, considero que as escolas podem construir uma proposta pedagógica voltada para o gênero juntamente com os educadores e a comunidade que envolve a instituição. A partir do estudo

realizado, percebi que as escolas podem, de maneira simples, realizar suas práticas buscando apoio na família desses alunos e na comunidade, fazendo um trabalho em conjunto, que envolva toda a sociedade que atua na formação do caráter dessas crianças e rompa com os preconceitos e estereótipos de gênero.

Considero que este estudo foi uma experiência surpreendente, pois me possibilitou ver como a nossa cultura ainda precisa romper essas concepções sociais tão profundas. Contribuiu para meu crescimento não só pessoal, como também profissional, já que me tornarei uma educadora. Compreender como pequenos gestos, as palavras, as propostas pedagógicas influenciam as crianças, é fazer com que me torne uma professora mais atenta ao que exponho para os alunos dentro da sala de aula. Assim como também não devo esquecer que o meu trabalho como educadora tem o compromisso de qualificar tudo o que agregue a aprendizagem das crianças.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. **A Construção das identidades de gênero na educação infantil**. Campo Grande. Universidade Católica Dom Bosco. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. COSTA, Eliana Célia Ismael da. MELO, Rosemary Alves de. **Roteiros de Gênero: A pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da Educação Infantil**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 31., 2008, Caxambu. *Anais* GT-23: Gênero, Sexualidade e Educação, CNPq.

FINCO, Daniela. **A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil**. In: Faria, Ana Lúcia G. de. O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes. São Paulo, Cortez, 2007.

FRANGELLA, Simone Miziara. **Fragmentos de corpo e gênero entre meninos e meninas de rua**. Cadernos Pagu (14), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2000, pp.201-234. Apud VIANNA, Claudia. FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder**. Cadernos Pagu (33), julho-dezembro de 2009. Pg. 265-283.

LIMA, Telma Cristine Sasso de, e MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katálysis. Florianópolis. 2007.

MASCARENHAS, Eliane Rezende, e Eugênio, Benedito Gonçalves. **Os Estereótipos de Gênero Legitimados na Educação Infantil**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus de Vitória da Conquista – BA. 2012

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

VIANNA, Claudia. FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder**. Cadernos Pagu (33), julho-dezembro de 2009. Pg. 265-283.